

LINGUAGEM, COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO EM HEIDEGGER

(Fundamentos de uma Tese de Cátedra)

SILVIO DE MACEDO

HEIDEGGER pesquisa, em sua filosofia, a posse de um conteúdo fenomênico positivo e radical, o qual, ônticamente compreensível, parece ter sido “desfigurado” do ponto de vista ontológico, pela filosofia tradicional.

É, portanto, uma posição polêmica e originariamente fecunda, a que se ergue frente ao pensar intelectualístico, ou seja a linha de força de toda filosofia anterior.

TESE: Procuramos sustentar aqui que a estrutura lingüística-expressiva é responsável pela solidez de cada estilo de pensamento, e que a filosofia heideggeriana, especialmente, ilustra e comprova esta tese, em todas as suas conseqüências.

CLARIFICAÇÃO: O problema da existência é então clarificado, por uma análise temática. Alguns dos aspectos da filosofia de Heidegger, os que se configurem especialmente no capítulo V da sua obra “*sein und zeit*”, e referentes ao “Das In-Sein als solches”, são objetivados nesta análise.

Há razões de preferência nessa escolha, as que decorrem da verificação de que o referido capítulo da obra profunda do pensador alemão enseja o confronto da nova epistemologia frente à tradicional, se bem que o filósofo tenha declarado interessar-se aí apenas pela Ontologia.

Mas, compreendemos a subordinação de todo problema gnoscológico ao ontológico, principalmente na filosofia alemã atual, de temática existencialista, e com Heidegger, com seu conceito original de transcendência e a dependência do conhecimento em relação à vida e à existência. Passa então o conhecimento a ser uma forma de existência, que se manifesta pela “abertura” do compreender e da afetividade, que se projeta na interpretação e se concretiza na expressão lingüística do pensamento.

A existência tem a sua constituição originária na compreensão e na afetividade, que se conectam na expressão lingüística. São esses “modos” que formam a “abertura”, pelos quais se faz conhecida a existência. Mas eles, só, são comunicáveis (e a comunicabilidade é uma propriedade da proposição) pela expressão lingüística, que sintetiza a proposição, a fala, na sua concreação.

A análise existencial procura revelar os seguintes momentos ou modos essencialmente existenciários de ser: a existência como “encontrar-se”; o temor como uma maneira do “encontrar-se”, a existência como “compreender”; o “compreender” e a “interpretação”; a existência, a “fala” e a linguagem.

I — A Existência como “encontrar-se”

Heidegger explica o que entende por “encontrar-se”, o primeiro modo existencial do ser:

“O que designamos ontologicamente com o termo “encontrar-se” é onticamente o mais conhecido e comum: o estar em unísono, o estado-de-ânimo (SZ 134).

Eleva-se assim a afetividade, que é o “estudo de ânimo”, o “encontrar-se”, como o primeiro grandioso passo para o conhecer.

Não já se declarou que desde Aristóteles não se dera mais um passo na análise dos sentimentos e das paixões, do ponto de vista ôntico ou da Ontologia? Está patente na filosofia heideggeriana essa queixa contra toda filosofia anterior, no que diz respeito ao sentimento”, considerado como fenômeno psíquico de terceira classe, depois da representação e da vontade (do ponto de vista ontológico).

A afetividade descoberta no “encontrar”, adquire na filosofia heideggeriana a sua maior valorização como meio de conhecimento. A própria existência tem, nela, um dos seus modos constitutivos originários. O outro sustentáculo está na compreensão.

O predomínio da essência é resultante do intelectualismo das filosofias tradicionais e se fundamenta no primado da “representação” e da “vontade” e subestimação ou desconhecimento do “sentimento” ou afetividade, no mecanismo do conhecimento.

Mostrando o poder da “Befindlichkeit”, escreveu que:

“No estado de Ânimo é sempre já aberto afetivamente o “ser aí” como aquele ente a cuja responsabilidade se entregou ao “ser aí”, em seu ser como o ser que o “ser aí” tem de existido” (134).

O ser da existência se mostra no jecto, diz Heidegger. É no “encontrar-se” que se dá a “abertura”, o estado de jecto (Geworfenheit).

Não se pode faltar, porém, em estado de jecto, sem que não ocorra uma facticidade. Estamos, sem dúvida, em face de um positivismo radical, na filosofia heideggeriana. Não tínhamos ouvido algumas increpações do filósofo alemão contra o Positivismo, pelo fato de ter este traído o seu ideal? E o que significa o método fenomenológico de Husserl, para os existencialistas alemães, principalmente, senão a pedra de toque, angular, das suas “construções”? E que significa o Fenomenologismo, senão essa volta à objetividade, à análise radical?

Apenas, na filosofia de Heidegger, essa objetividade se concentra agora não mais na realidade fática estranha ao homem, porque o existir é essencialmente humano. Logo, objetividade e subjetividade não são mais dicotômicas na filosofia existencial de Heidegger. A realidade é o “estar-no-mundo” da “Das In-der-Wel-sein), a peculiaridade da existência, própria do homem não como ente mas como existente.

Essa subordinação da essência à existência, nas filosofias existencialistas, colide como todo processo de pensar tradicional, que é o inverso da questão proposta pela análise existencial.

Heidegger insiste, em todas as páginas de *Sein und Zeit*, que não está preocupado ainda com o problema antropológico, e que suas análises visam somente o plano ontológico. Insistiremos mais adiante sobre esse aspecto.

O filósofo esclarece o que se vai revelar no “encontrar-se” da existência, que não é de modo algum aquela “facticidade do factum brutum:

“A facticidade” não é a “afetividade” do “factum brutum” de algo “ante os olhos, senão um carácter de ser do “ser aí”, acolhido na existência, enquanto imediatamente repellido”. (157)

O “encontrar-se”, esta realidade fática da filosofia heideggeriana, pode sugerir tratar-se de mero estado psicológico. Mas o filósofo alemão, que quer ficar no puro campo ontológico, de uma ciência fundamental, não quer aceitar a explicação que faz do encontrar-se uma “apreensão reflexa”. Então, o mero fenômeno do “encontrar-se” não resulta de uma reflexão que lhe seja imanente. Na afetividade está a originalidade desse fenômeno; a reflexão lhe é posterior, é outra coisa.

Neste ponto não podemos admitir o afastamento da Psicologia. Em que pese o anti-psicologismo heideggeriano, somos de opinião que as análises do filósofo supõem um profundo domínio da chamada psicologia da “compreensão” e “estrutural”. O que está patente é o seu horror à psicologia de superfície, ou que não se centralize no homem.

É preciso entender que Heidegger categoriza a afetividade. Se permanece na sua analítica existencial-ciência dos fundamentos da filosofia —, se se

especializa na Ontologia, é porque lhe preocupa essa base do ser, da estrutura. Tanto podemos deduzir, depois, da sua analítica existencial, uma Antropologia, quanto uma Gnoseologia. E isso não é só possível, mas perfeitamente coerente, no espírito da sua filosofia.

O que é que revela o “encontrar-se”? — Preliminarmente, o temor, com suas variantes, e, depois, a angústia. Mas o temor não é um estado, mas uma situação do ser, com as suas variantes: a timidez, a pusilanimidade, o terror. Tudo isto termina na angústia.

II — A existência como compreensão

A compreensão não existe sem o “encontrar-se”, ou, noutras palavras, é um acontecimento originário da afetividade.

O que suscita, o que torna compreensível a compreensão, perante a análise heideggeriana, é o estado de ânimo. Quer isso dizer que a compreensão existencial não se obtém com processos discursivos, não é uma “explicação”: porque é entranhada no ente existente, é experiência vivida, sofrida.

“Verstehen ist immer gestimmtes”, diz Heidegger. (6) (SZ 142) (O compreender é sempre afetivo).

Repele o filósofo aquela compreensão como algo exterior, como coisa, porque, se o compreender tem um objeto, este é “o ser como existir” (Sein als Existieren).

A compreensão caminha então, na filosofia de Heidegger, no sentido da mais radical subjetividade. Nenhuma filosofia procura totalizar tanto essa subjetividade quanto o Existencialismo do autor *Sein und zeit*.

Não é o compreender, na nova filosofia, uma operação intelectual vinda de fora, estranha à experiência pessoal. No sentido ôntico de Heidegger, nada tem a ver com uma “percepção que lhe seja imanente”, antes é “inerente ao próprio ser do “aí”. O conhecimento, o saber, é uma forma, um momento, da própria existência. Esta totaliza tudo.

Nenhuma filosofia chega a levar tão distante um ponto de vista original, perante o pensamento tradicional. Uma verdadeira “torsão” no estilo habitual de pensamento. Em meio ao maior objetivismo positivista da era moderna, um “sopro” forte se faz sentir, que é a presença da subjetividade, da realidade pessoal, original e irredutível nessa originalidade. É uma afirmação de realidade íntima, existencial.

O homem existe, e como ente existente compreende mais do que aquilo que lhe está diante dos olhos. A compreensão é uma “projeção”, e nesta projeção estão as suas possibilidades: um modo de ser da existência.

O ente como tal tem o seu ser projetado no mundo. É isso o compromisso do homem com as circunstâncias, que lhe modelam a face. O compreender, também, de caráter projetivo, participa da propriedade do ente como tal. As “situações-limites” são configuradas pelas possibilidades da existência. Nessas situações o compreender é um “ver” próprio do homem que vive essas circunstâncias: a compreensão depende da existência, não lhe é ato exterior ou estranho.

Heidegger, com essas asseverações, quer indicar aquela compreensão que seja o “reconhecimento de si mesmo”.

Mas, que vem a ser o “ver” no sentido da nova filosofia?

A resposta ele próprio no-la dá:

(“Die philosophische Forschung wird auf ‘Sprachphilosophie’ versichten muessen, um den “Sachen selbstmachzfragen, und sich in den Stand einer Befrifflich ge-Kaerten Problematik bringen muessen” (166). — A investigação filosófica tem de renunciar à filosofia da linguagem” para interessar-se pelas “coisas mesmas”, e tem de pôr-se ao nível de uns problemas conceitualmente claros.

De forma que o “ver” é um “estado de iluminado”, e existencialmente uma peculiaridade do compreender. O filósofo alemão se antepõe à filosofia tradicional naquilo que esta procura o “ver” apenas como “forma de acesso aos entes e ao ser”. É o que está logo esclarecido depois de feita a sua noção.

O “ver” — uma peculiaridade do compreender — é igual aqui à chamada “intuição eidética da Fenomenologia, como o próprio Heidegger lembra.

Conclusão:

O estado de ânimo, a subjetividade, patente no encontro com as suas circunstâncias, com as suas situações-limites, com suas condições existenciais, possibilita a compreensão da existência, “vê” as suas possibilidades na projeção desse compreender.

O compreender aí é algo de íntimo ao ente, uma percepção total da realidade não-intelectualista ou conceitual, aderindo ao próprio substrato do existir.

Na Filosofia heideggeriana o conhecimento é uma forma de expressão incrustada na própria existência. Só quem vive certas situações-limites pode “ver” de tal modo, pode “compreender” a realidade.

Um radical subjetivismo, portanto, marca definitivamente a filosofia de Heidegger.

III — A interpretação da existência

A interpretação supõe a compreensão da existência. Se a existência, como vimos anteriormente, projeta seu modo de ser nas suas possibilidades, como compreensão, a interpretação não é outra coisa, na filosofia heideggeriana, que um desenvolvimento desse próprio projetar-se da compreensão: “DAS DA-SEIN ENTWIRFT ALS VERSTEHEN sein SEIN auf Moeglichkeiten” (SZ 148).

É na interpretação que o “*compreender se apropria*” do que foi compreendido.

Como o homem é um “*estar-no-mundo*”, este fato último é imanente ao ente. Conseqüentemente, a interpretação, também como a compreensão, encontra os seus fundamentos num “*ter*”, num “*ver*” e num “*conceber*” prévios. Portanto, a interpretação não é a apreensão de uma coisa sem o que lhe serve de ponto de apoio.

É preciso não esquecer que a analítica existencial heideggeriana utiliza o método fenomenológico, o de deixar falarem os fenômenos. Nenhum construtivismo, portanto, nesta filosofia. Apenas um descrever, um descobrir o que está encoberto e se dissimula nas aparências. Um adentrar-se, para ler os fenômenos, ou como o próprio filósofo diz: “*ter uns olhos límpidos*” para os fenômenos.

Tanto a definição de compreensão e interpretação, como o fato inicial do “*encontrar-se*” nas circunstâncias, na projeção das possibilidades do ser do ente, revelem o caráter predominantemente concreto da nova filosofia. Nenhuma filosofia procurou acampar em maior concretude a noção de ente, sua realidade própria, sua natureza.

O compreender é um “*prévio*”, um jecto, um dado primeiro da percepção da existência, do “*ver*”. A interpretação é o como da projeção do compreender.

Heidegger torna claro que “*compreender o mundo*” supõe “*compreendida a existência*”. Mas adverte, mais adiante, que esse compreender e interpretar existenciais não são aqueles revelados na “*exegese filológica*”. Os primeiros são originários, enquanto os segundos são derivados. A analítica existencial se interessa, como Ontologia, pelos primeiros, deixando os outros para o conhecimento científico.

É uma ciência primeira, dos fundamentos, que busca Heidegger.

O homem não pode sair do círculo da sua existência. Um saltar para fora do círculo é uma irrealidade, um inconcebível existencial.

“*Auschaung*” und “*Denken*” sind beide schon entfernte Derivate des

Verstehens” (147) — Intuição e Pensamento são ambos derivados já distantes do compreender.

É portanto a possibilidade de um conhecimento que seja mais originário, “partindo das próprias coisas”. É o que faz a análise temática, a descritiva fenomenológica.

E esclarece, depois, que, sendo a compreensão existencial um “poder ser”, uma possibilidade da própria existência, do ente, o conhecimento historiográfico supera em rigor as mais exatas ciências. E, neste sentido, é que a própria “matemática não é mais rigorosa que a Historiografia, senão que apenas está baseada num círculo mais estreito de fundamentos existenciais” (Mathematik ist nicht strenger als Historie, sondern nur enger hinsichtlich des Umkreis der fuer sie relevanten existenzialen Fundamente, SZ 153).

No compreender está o sentido, cujas raízes mergulham na existência. É a chamada estrutura ontológica circular. O compreender-interpretativo é que esclarece a situação do homem no mundo, torna clara a sua existência. Mas já se não duvida que aqui o compreender e a interpretação são fenômenos existenciais. “carne e osso” como a existência.

IV — A proposição como comunicabilidade da existência

A proposição é, frente à Ontologia fundamental, um ponto importante; permite uma forma derivada de realização da interpretação, sendo, portanto, vinculada à compreensão.

Modo derivado da interpretação, a proposição desempenha, na Filosofia heideggeriana, duas importantes posições: em primeiro lugar, revela “de que modo é modificável a estrutura do “como”, constitutiva do compreender e da interpretação; em segundo lugar, exerce, desde muito tempo, o “lugar” da verdade.

Aqui está um ponto sutil pelo qual se permite ver o sentido da oposição da filosofia de Heidegger ao intelectualismo da filosofia tradicional. Procurando ressaltar o papel da Proposição (AUSSAGE), o autor do SEIN UND ZEIT diz que, frente aos problemas da Ontologia fundamental, ela revela uma grande importância para a analítica. Desde o começo da Ontologia antiga — diz ele — todo acesso ao ser tem sido pelo caminho errado do LOGOS.

Afirma sobre o caráter desse “fio condutor”:

“Die Mitteilung”/teilt” nicht den primaeren Seinsbezug zum beredeten Seienden, sondern das Miteinandersein bewegt sich im Miteinanderreden und Befirgen das Geredeten” (168). — A comunicação não “comunica” a primária

relação do “ser relativamente ao ente de que se fala”, mas ao “ser uno” com o outro se move dentro do “falar um com o outro”.

Heidegger procura outro caminho de acesso ao ser, ao ente, que não é o logos. O processo discursivo afasta, segundo o filósofo, a compreensão da existência. É preciso entender daí a divergência de Heidegger com respeito ao pensar tradicional.

Distingue ele três significados para o termo Proposição, os quais estão unidos numa única estrutura:

1. Ante de tudo, a Proposição significa indicação (*Affzeigung*). Aqui ela mantém a acepção primitiva de *Logos* como *Apóphanis*: na qual os entes são percebidos por si mesmos (SZ 154). Cita o exemplo do “martelo que pesa”.

Na proposição “o martelo é pesado”, revela-se o ente no modo de ser “ser na mão” (*Zuhandenheit*). Aqui é mentada a própria indicação do ente; “e não casualmente uma mera representação dele”.

2. A Proposição tem o sentido de predicação (*Praedikation*). O sujeito é determinado pelo predicado.

Aqui, Heidegger esclarece que o “enunciado nesta significação da proposição não é o predicado, senão o próprio martelo, sendo que o enunciante está no “pesa demasiado”. Refere-se ele à proposição: o martelo pesa demasiado.

3. A Proposição significa também comunicação (*Mitteilung*).

A comunicação ou manifestação é a mais surpreendente propriedade da proposição, na filosofia heideggeriana. A proposição como comunicação inere à própria expressão do ser, do ente. Abre-se um círculo, antes fechado. Transmite-se o enunciado.

Referindo-se ao “ídolo verbal”, que é a teoria do valer, de Lotze, de que se tira a validade objetiva, assevera que “a circunspeção metódica requer que não se escolham conceitos de tantos visos pelo fio condutor da exegese”, para arrematar:

“Methodische Vorsicht verlangt, dergleichen schillernde Begriffe nicht zum Leitfaden der Interpretation zu wahlen” (10).

Heidegger define a Proposição como “uma indicação determinante comunicativamente” (*Aussage ist mitteilend bestimmende Auftzei.ung*, SZ 156).

Falando-se de proposição, implicitamente se evoca o fenômeno da linguagem. Esta já supõe “conceitos formulados”. Passamos então à análise do LOGOS.

Indagando sobre a natureza do logos se descobre que ele se expressa em palavras. Tomando a discussão do problema, de Aristóteles, que concebia o

“logos” como “synthesis” e ao mesmo tempo como “diáiresis”, diz não ter ocorrido ao Estagirita esta pergunta:

“Welches Phaenomen innerhalb der Struktur des “logos” ist es denn, was erlaubt und verlangt, jede Aussage als Synthesis zu charakterisieren?”

Aqui, um ponto delicado da tese do filósofo: só a analítica existencial permite “ver” o fenômeno do “como” hermenêutico. No Aristotelismo “o conato aristotélico de uma análise fenomenológica do LOGOS se desintegra numa superficial “teoria do juízo”, para a qual julgar é um unir ou separar representações e conceitos” (SZ 184).

Do mesmo modo, também na Logística “se dissolve o juízo num sistema de “coordenações”, tornando-se apenas “objeto de cálculo”.

Mas Heidegger quer ver o juízo como tema de exegese ontológica. Aqui, a razão mais profunda do anti-intelectualismo que nutre a sua filosofia. Sendo a proposição um derivado da interpretação, no sentido existencial que lhe dá o filósofo, conseqüentemente a Lógica mergulha as suas raízes na analítica da existência.

V — A linguagem como expressão da existência

O significado da proposição por seu caráter comunicativo conduz ao problema da fala e, conseqüentemente, da linguagem. Setor fecundo da filosofia heideggeriana.

O “estado de aberto” (Erschlossenheit) da existência só se torna possível totalmente, na linguagem. Pela compreensão não havia ainda qualquer comunicação. Dá-se, na proposição, uma certa “abertura” da existência, que se conservava em círculo fechado. Com a terceira propriedade da proposição — a comunicabilidade —, desaparece o abismo que separa os entes.

É a fala um fenômeno existencial primário que se corporiza depois na linguagem, na estrutura lingüística. Aquilo que estava encoberto, em estado de fechado, se abre à claridade, é intencional por todos na concretização da estrutura lingüística.

Uma das páginas de maior exuberância dessa filosofia está configurada na análise da existência, do IN-SEIN-ALS SOLCHES. Aqui, precisamente, na análise de fenômeno lingüístico, radica um dos pontos de maior lucidez da tese existencialista, ainda não pressentida por muitos comentadores do novo movimento.

Só a linguagem é que revela o “estado de expressão da fala”: —
“Die Hinausgesprochenheit der Rede ist die Sprache” (SZ 161).

É por intermédio da linguagem que se expressa um dos modos da existência, pelo menos aquele em que é mais concreta. E que elementos são inerentes à fala? — As “possibilidades de ouvir e calar”.

A fala está vinculada do ponto de vista “significativo” à compreensibilidade do “estar no mundo”. Expressa, portanto, uma realidade existencial, própria, primária.

Escreve:

“Die Rede hat notwendig dieses Strukturmoment, weil sie die Erschlossenheit des In-der-Weltseins mit Konstituiert.”

De forma que a fala expressa naturalmente uma realidade estrutural originária, de ordem existencial, porque a comunicação deve ser entendida aqui num vasto sentido ontológico.

Mas a comunicação “não é nenhum transporte de vivências de um indivíduo a outro”. E como esclarece isto Heidegger? — Ao demonstrar que a existência já é essencialmente patente no “co-encontrar-se” e no “compreender”. E assim, na fala, se expressa a existência.

A linguagem supõe a fala, e esta, o compreender. A articulação é profunda. E essa articulação é tão profunda que se pode chegar à conclusão de que o muito falar não implica no muito compreender.

“A verdade original e genuína radica na pura intuição.”

(Urspruengliche und echte Wahrheit liegt in der reinen Anschauung” — (171).

A realidade do homem está mais patente, mais iluminada, no fato de falar, de comunicar-se, de abrir o seu círculo. Porque ele é primordialmente, caracteristicamente, um ente que fala. Até na mudez, no “calar”, há comunicabilidade, de forma que esta é própria da existência, peculiaridade maior do homem como tal.

É pela estrutura apriorística da fala que o ente se põe na intimidade do ser, do existir.

Se a filosofia da linguagem fica reduzida a uma simples teoria das palavras, sem nenhum existencial, então se poderá dizer que Heidegger repele essa solução, e naturalmente porque segue o método fenomenológico: o “adire ad ipsas res”.